

» A vida é real e de viés**

Em texto anterior (Frateschi, 2019), tentei mostrar que ser classificada como mulher torna uma pessoa vulnerável a um tipo específico de crime – a agressão *por ser mulher*.

O Brasil é o quinto país em que mais se matam mulheres no mundo. Em 2019, tivemos um caso de agressão de mulheres registrado a cada dois minutos. 66% dos ataques que resultaram em mortes tinham mulheres negras como vítimas. Com a letalidade da pandemia, os números passam a parecer banais enquanto se agravam; a partir de 2020 houve um aumento no número de casos (Bueno e Lima, 2020).

Trata-se daquele tipo de dado com o qual passamos a conviver sem prestar muita atenção, até que, por alguma razão, ele se faz presente.

Era 2018. Eva chegou ao meu consultório muito abalada. Era sua primeira sessão após o assassinato de Marielle Franco, ocorrido poucos dias antes. Ela deitou-se no divã e chorou:

Não sei o que fazer. Sinto a morte dela como um recado para mim: “não ouse”. Dizem até que eu me pareço fisicamente com ela. Se eu já sentia dificuldade em ocupar um lugar entre brancos da Zona Oeste paulistana intelectualizada, agora parece que me sinto verdadeiramente proibida de desejar isso – e ameaçada. Não é para mim.

Eu também, impactada, me emocionei. Lembrei então de outra cena, do ano anterior, em que eu mesma havia sido agredida por um homem desconhecido. No metrô, ele roçava a bandeira de seu time no meu cabelo e eu, educadamente, pedi que parasse. Ele então bateu com o mastro na minha cabeça e disse: “Feminista filha da puta. Bolsonaro 2018”. Pensei na hora em Elza Soares (2018): “Se tudo é perigoso, solta o ar” (mús. 5). E senti, como nunca, que eu e Eva éramos mulheres sujeitas a uma hostilidade difusa, mas real, atualizada e intensificada. E, também como nunca, que *eu era branca e ela, negra*.

Duas ideias hoje me ajudam a pensar a experiência. A primeira: a fala de Eva testemunha algo e me faz também testemunha de algo. Neste sentido, reproduzo aqui uma pergunta de Netrovsky e Selligmann-Silva (2000):

Como sustentar esse tipo de conhecimento, que não pode ser falsificado pela reflexão, nem tornado consciente de todo sem distorções? Como fazer do leitor [no nosso caso, do analista] uma testemunha do evento? E para quem narra: como se tornar, narrando, uma testemunha autêntica do acontecido e uma testemunha autêntica de si? (p. 9)



↑
Misterios,
2017
Christian Boltanski
3-screen
projection; 12
hours
Dimensions
variable
Courtesy:
Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman Gallery
©Christian Boltanski,
Licensed by ADAGP
Photo credit:
Thierry Bal

Era preciso não tratar a experiência dela como uma fantasia e não a reduzir a uma reedição. Havia ali algo novo, *verdadeiro*, que trazia em si *tanto* dados sobre sua história *como* dados sobre o mundo que enfrentávamos. Um mundo que, modificando-se, empurrava-nos também a ambas duas para novos lugares frente aos quais teríamos que nos posicionar como sujeitos, fora e dentro da sessão¹.

A segunda ideia era sobre como ouvir a singularidade daquela experiência. Preocupava-me confundir o que ela vivia com uma idealização do que seria a experiência de *qualquer* mulher, ou qualquer mulher negra e, ao mesmo tempo, eu temia pôr em xeque a verdade que me contava, desmentindo-a.

Nos relatos de violência contra mulheres há elementos que se repetem. Muitas teorias se constroem em torno dessas repetições, em todos os campos de conhecimento. Elencam-se fatores econômicos e sociais que contribuem para que a mulher se man-

tenha presa ao marido-agressor, bem como questões morais e religiosas que ratificam o lugar da mulher como alguém que deve se submeter à violência. Listam-se também funcionamentos psíquicos que operam no sentido de impedir que a mulher crie e sustente para si mesma outra saída. Forma-se, assim, um discurso na cultura que busca *explicar* a vulnerabilidade, marcar *agressor* e *vítima* e fundamentar políticas de assistência que possibilitem sua emancipação. Extremamente necessário. Ao mesmo tempo, é digno de nota que o analista muitas vezes se veja pressionado a decidir se trata ou não a paciente como vítima. Somos empurrados a posições onipotentes e salvacionistas; ou, ao contrário, a posições negacionistas; ou ainda a posições supostamente isentas, mas também sem nenhum efeito sobre a narrativa da violência.

Eve Sedgwick (2020) discute a postura epistemológica de um modo que pode ser

* Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

**Verso de *O queeres*, canção de Caetano Veloso (1984, mús. 7).

1. Refiro-me às posições frente à tensão entre a agressividade ilimitada/mortífera e o trabalho de cultura, como fala Freud em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), tensão ali presentificada como experiência (ressalto passagem da página 90).

aplicado à escuta clínica. Ela aponta uma espécie de vício paranoico identificável na construção das teorias, como se a crítica, a suspeita e a historização fossem o único modo de investigação de um fenômeno. Segundo ela, ter “uma visão mistificada das opressões sistêmicas não obriga ninguém a intrínseca ou necessariamente seguir uma linha específica de consequências epistemológicas ou narrativas” (p. 394). Mas é como se uma leitura paranoica se instalasse quando escutamos alguém, e nos levasse a formar uma teoria *sobre* o que ouvimos. Podemos pensar que, em contato com mulheres em situação de violência, é comum ficarmos tomados pelo traumático da presentificação do corpo, da sexualidade e da proximidade da violência. Despertam-se nossas próprias angústias esquizo-paranoicas. Se tomarmos a mulher como a vítima e o agressor como algoz, livramo-nos daquilo que há em nós de potencialmente violável e, também, de potencialmente violador. Se desconsiderarmos que há de fato uma vítima, assumimos a posição, identificada com o agressor, de invalidar o que ela nos conta. A integração leva a outra posição: a mulher que ouvimos é vítima, *mas não só*².

Sedgwick defende que o conceito de posições (esquizoparanoide e depressiva) em Klein (1937/1996) fundamenta uma prática crítica não paranoica, e sim reparadora, na qual a leitura (escuta) se faça a partir de “instâncias relacionais heterogêneas e intercambiáveis” (p. 395).

Eu sabia – já na sessão – que eu e Eva não vivíamos a mesma coisa. Ela, uma. Eu, outra. Era preciso ouvir como aquele evento a impactava em sua singularidade. A sessão – e o trabalho que se seguiu – permitiu explorar o sentido que tinha para Eva o medo de ser assassinada como Marielle, em mais de um plano: as muitas vezes em que foi ou se sentiu agredida; o medo de

ser morta por si mesma e nas relações que constituía, ao privar-se de coisas que não se sentia autorizada a aproveitar; a diferença que sentia em relação a pessoas que via como mais privilegiadas; o desejo e o não-desejo de se posicionar politicamente.

Sedgwick (2020) retoma um modo de *identificar-se* com o outro que não é o da mistura, mas que também não é o de opor-se pela crítica. “Há um senso de que nossas histórias de vida quase não se sobrepõem. Há outro senso, segundo o qual elas se acomodam uma ao lado da outra [...] Estão juntas em sentido imediato.” (p. 418). Trata-se de algo mais alinhado àquilo que Puget e Wender (1982) descrevem como o momento em que separamos nossos mundos superpostos. Com Eva, não senti na pele as nossas condições identitárias, pelo contrário, senti *com ela e cada uma a seu modo* as posições políticas que ocupávamos naquele momento³. No meu entender, tal postura exige do analista a abertura para que ele também se transforme nas análises, na medida em que se põe, como leitor, na tentativa de reparar os objetos que temporariamente destrói pela crítica (paranoica) no discurso da paciente. Exige também que ele esteja aberto a ouvir um discurso que se desfaz e se integra constantemente, sempre se reconfigurando como algo *novo*⁴.

Havia ali na sessão – sempre há – uma realidade inapreensível que se fazia presente. Mas o que era capaz de movimentá-la não era apreendê-la, e sim dar voz, aos poucos e até onde fosse possível, aos seus muitos vieses.

2. Penso aqui em Freud (1900/2019) e na ideia de que no inconsciente, segundo o modelo dos sonhos, os planos de análise se somam e se desdobram, dissolvendo as oposições: “os sonhos não conseguem, de forma alguma, expressar a alternativa ‘ou...ou’; costumam incluir os dois termos como sendo igualmente válidos” (p. 358), bem como a própria ideia de que os sentidos de um sonho poderiam se ampliar até seu *umbigo*.

3. Baseio-me aqui nas ideias de uma entrevista dada por Puget à *Revista Percurso* da qual destaco: “Quanto mais alguém se conecta com o outro, faz um vínculo, mais aumentam as diferenças” (Puget, citada em Sacchet Jaskulski, 2019).

4. Maria Homem (2020/2021), falando do que observamos na cultura, propõe uma abertura da escuta que pergunte pelo novo: “A estrutura será a de uma psicologia de massas levemente paranoicas ou novas formas de construção do comum poderão surgir? O que eu sou e como eu vivo se relaciona com o que o outro é e como ele vive. Quero acreditar que estejamos interessados em escutar isso” (p. 65).



↑
Foto de Itzel Ximena Torres

REFERÊNCIAS

- Bueno, S. e Lima, R. S. (2020). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020, *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 14. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>
- Frateschi, L. (2019). Sejamos mulheres. Em C. Dunker e A. L. Rodrigues (org.), *Cinema e psicanálise: A tela do feminino ao feminismo* (vol. 8). São Paulo: Nversos.
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937).
- Klein, M. (1996). Amor, culpa e reparação. Em M. Klein. *Amor, culpa e reparação: E outros trabalhos (1921-1945)*. São Paulo: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Homem, M. (2021). *Lupa da alma: Quarentena-revelação*. São Paulo: Todavia. (Trabalho original publicado em 2020).
- Nestrovsky, A. e Seligmann-Silva, M. (2000).

- Apresentação. Em A. Nestrovsky e M. Seligmann-Silva (org.), *Catástrofe e representação: Ensaios* (pp. 7-12). São Paulo: Escuta.
- Sacchet Jaskulski, L. S. (2019). Janine Puget: Uma experiência conceitual. *Percurso*, 62(31). Disponível em http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=1346&ori=edicao&id_edicao=62
- Puget, J. e Wender, L. (1982). El mundo superpuesto entre paciente y analista revisitado al cabo de los años, *Psicoanálisis*, 4(3), 503-522.
- Sedgwick, E. K. (2020). Leitura paranoica e leitura reparadora, ou, você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você. *Remate de Males*, 40(1), 389-421.
- Soares, E. (2018). Língua solta. Em *Deus é mulher* [CD]. Rio de Janeiro: Deckdisc, Disponível em <https://open.spotify.com/album/1A8ZLCxDufsUVf5NvDSb84?si=a-CK9ETVsSs2VA28rLqdvDw>